

CURRÍCULO E MÍDIA EDUCATIVA BRASILEIRA: PODER, SABER E SUBJETIVAÇÃO

Curriculum and the Brazilian educational media: power, knowledge and subjectivation

Monique Franco*

*Historiadora. Mestre em Educação – FACED/UFRJ. Doutora em Comunicação e Cultura – ECO/UFRJ. Professora Adjunta da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ e do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES/MEC.

E-mail: mfranco@uerj.br

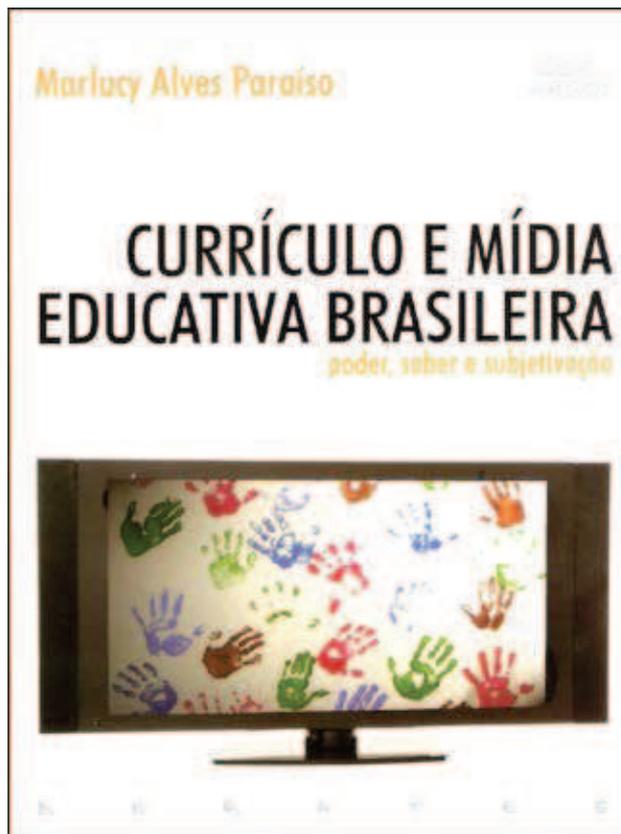
Material recebido em dezembro de 2007 e aprovado em maio de 2008

Afinal, a TV pode ser entendida, na atualidade, como uma “escola eletrônica”?

Marlucy Alves Paraíso procura em seu livro *Currículo e Mídia Educativa Brasileira*: poder, saber e subjetividade, responder a esta e tantas outras questões investigando programas e matérias selecionadas da mídia educativa brasileira durante os anos de 1999 e 2000.

A autora identifica a mídia como uma das engrenagens que integram o conjunto de mecanismos de governos de conduta dos indivíduos, no caso, “os sujeitos pedagógicos”, estes, entendidos como “todos os sujeitos a quem a mídia educativa tem dirigido seu discurso educacional”. (p25)

Entendendo que, tal como descreve Rosa Fischer – “a palavra ‘mídia’ passou, nos últimos anos, a ser usada em lugar de meios de comunicação ou em lugar da simples citação do meio considerado”, Marlucy, em sua apresentação,



RESENHA DE LIVROS

define que o argumento central de seu estudo está no entendimento de que “no discurso da mídia educativa sobre a educação escolar investigado é divulgado um tipo de escola, de currículo e de sujeito pedagógico para intervir nesses ‘objetos’ e para que seja exercido o governo de si, dos outros e de Estado”. (p.30) E continua contundente – “Nesse discurso, feito com sucesso midiático e de um sentimentalismo sedutor, são feitas promessas sobre a escola, o currículo e a professora, e são apresentadas como metas de seus programas para libertar o Brasil e os brasileiros da descolarização e do subdesenvolvimento” (idem).

Deixando claro sua filiação conceitual com os estudos pós-estruturalistas, especialmente Michel Foucault e com os estudos culturais, a autora descreve seu percurso de trabalho na seleção dos materiais e a metodologia utilizada “para ‘ler’ o currículo da mídia educativa,” (p.33). Os seguintes capítulos nos fornecem, de forma vigorosa, elementos para compreender como os “sujeitos pedagógicos” incitados por esses discursos acabam aprisionados em

determinada “vontade de verdade” por meio de formas de regulação, técnicas e instrumentos. Fica claro, na minuciosa pesquisa que a autora apresenta, como o endereçamento da mídia para determinados segmentos, deixa estrategicamente transparecer singularidades em meio a um intenso processo regulatório. Instaure-se, assim, um processo de identificação não necessariamente constrangedor, mas sim dotado de tecnologias de auto-regulação, postas a serviço de governar e subjeter os “sujeitos pedagógicos”, sobretudo os docentes, tanto para reiterar visões cristalizadas na sociedade sobre a professora, sobre a mulher ou mesmo sobre o jovem e a própria família, como também, para fabricar um modelo de subjetividade docente romantizada e dedicada, tal qual a mídia educativa requer. Percorrendo os “pensamentos autorizados” e as estratégias de governo usadas na mídia educativa, a autora busca “diferenciar os modos de pensamento e os tipos de julgamento que procuram, reivindicam e adquirem autoridade ou aos quais se atribuiu autoridade” (p.35) para defender o argumento de que os discursos

produzidos ali têm, no currículo, uma eficiente tática de governar, fazendo identificar os sujeitos pedagógicos como co-responsáveis de uma grande missão pedagógica em torno da educação pública e pelo próprio país.

O livro é uma oportunidade para todos os pesquisadores, professores e estudantes que dialogam com o campo da educação, do currículo e das novas tecnologias da informação, sobretudo quando estes tecem interfaces com as perspectivas pós-estruturalista, a identificar novas formas de entendimento para o complexo mecanismo de agenciamento que as mídias educativas podem produzir no extenso processo de significação atribuído aos conhecidos modos de produção e recepção de mensagens imagéticas.

Apesar de sua densidade conceitual, o livro apresenta de maneira leve e sempre articulada à realidade cotidiana os elementos necessários a sua compreensão e utilização crítica para pensar os desafios postos, na atualidade, a dimensão educativa.

Referências Bibliográficas

Paraíso, Marlucy Alves, Currículo e Mídia Educativa Brasileira: Poder, Saber e Subjetividade. Chapecó: Arbos, 2007.